



CUIDADO DE SI E DO OUTRO

PETERSEN, Maureline – UFSM
maureline.petersen@yahoo.com.br

Eixo Temático: Formação de Professores e Profissionalização Docente
Agência Financiadora: não contou com financiamento

Resumo

O presente trabalho vem apresentar uma parte da pesquisa bibliográfica da minha dissertação de Mestrado onde trago reflexões e inferências sobre o cuidado de si, noção trabalhada por Michel Foucault a partir da década de 80, trazendo uma reflexão a partir da antiguidade greco-romana até a ascética cristã. Essa noção é trazida como sendo a maneira do indivíduo constituir a parte mais secreta da sua subjetividade, formando-se assim uma relação consigo mesmo, conhecendo a si mesmo, relacionando-se consigo mesmo. Aborda-se neste trabalho então, que relação temos atualmente com nós mesmos? Além disso, o cuidado de si muitas vezes é considerado como sendo algo egoísta e individualista, porém, o que trata-se é ao contrário, pois o cuidado de si vai suscitar uma relação com o outro, pois quem cuida de si torna-se mais preparado pra compreender e se relacionar com o outro. Nesta perspectiva, as ponderações realizadas adentram o âmbito profissional do Educador Especial refletindo sobre com quais “outros” nos relacionamos e como ocorrem essas relações; trazendo assim o outro deficiente, o outro escola, o outro família, o outro sociedade. Desta forma, este trabalho traz uma retomada bibliográfica com relação a noção do cuidado de si, relacionando com sua importância nos dias de hoje, além de despertar um olhar crítico sobre nossa própria constituição, a importância de refletirmos sobre os modos de subjetivação que nos constituem no decorrer das nossas vidas como também a importância disso para nos relacionarmos melhor com os outros, o que reflete na nossa constituição profissional, aqui sendo considerado principalmente a constituição do Educador Especial.

Palavras-chave: Cuidado de si. Cuidado do outro. Educador Especial.

Introdução

Algo novo sempre nos inquieta, nos deixa cheias de dúvidas e de inseguranças e assim foi e é ainda para mim a tentativa a que me dedico hoje, de compartilhar pensamentos e ideias referentes a perspectiva pós-estruturalista e principalmente das colaborações de Michel Foucault, sob as quais se projeta a minha pesquisa. Tenho noção de que meus conhecimentos sobre esta perspectiva e sobre este autor estão em processo de construção, o que me indica a grande quantidade de elementos que ainda tenho por explorar. Porém, em algum momento

temos que fazer escolhas, e neste momento percebo a operacionalidade de alguns conceitos Foucaultianos para minha pesquisa e vislumbro o enriquecimento que a mesma terá ao ser construída sob esta perspectiva.

Empreendendo essa visão, é que direciono minha pesquisa através da perspectiva pós-estruturalista, que pode ser considerada como um modo de pensamento, um estilo de filosofar e uma forma de escrita “Não pode ser simplesmente reduzido a um conjunto de pressupostos compartilhados, a um método, a uma teoria ou até mesmo a uma escola. É melhor referir-se a ele como movimento de pensamento – uma complexa rede de pensamento [...]”. (PETERS, 2000, p. 29)

Não devemos tomar os estudos Foucaultianos como verdades absolutas, podemos utilizá-los como ferramentas através das quais somos capazes observar os fenômenos que nos ocorrem e que ocorrem no mundo que nos rodeia. Podemos tomar as palavras de Deleuze (apud FOUCAULT, 2006, p.71) como argumento, onde ele diz que:

Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou.

Sendo assim, a escolha que fiz neste trabalho, foi na tentativa de aprofundar meus estudos e usar a noção cuidado de si como ferramenta para pensar a constituição do Educador Especial, como este profissional estabelece um cuidado de si, no processo de subjetivação de si por si mesmo a partir da formação e da prática profissional.

Desta forma, neste trabalho que traz um recorte da minha dissertação de mestrado, pretendo apresentar reflexões referentes ao cuidado de si como ferramenta importante para a constituição do Educador Especial e como essa noção pode possibilitar uma relação diferenciada com as demais pessoas e com o mundo que nos rodeia.

Desenvolvimento

O cuidado de si é uma maneira do indivíduo constituir a parte mais secreta de sua subjetividade, compreendendo por subjetividade “a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo.” (FOUCAULT, 2004, p. 236) Cuidar de si, no entanto, exige o conhecimento de si, e isso quer

dizer que o sujeito deve tornar-se objeto de conhecimento para si mesmo, isto é, o sujeito deve ser problematizado como objeto para ele próprio. O sujeito é levado a se observar, se analisar e se reconhecer como sujeito de prazer, de desejos.

E será que nós estamos empreendendo este cuidando sobre nós mesmos? É algo a ser refletido, e que para mim foi complexo compreender. Eu tinha a impressão de que conhecia-me, porém, ao me auto questionar, pensando minha forma de perceber e encarar as coisas que me rodeiam, senti insegurança e desacomodei-me ao tentar responder essas questões que não estavam claras para mim.

No decorrer das nossas vidas, nos empenhamos muito em refletir sobre nossa profissão, nossa prática profissional, nossa vida financeira, entre muitos outros aspectos. Na maioria das vezes não percebemos que essas questões tomam conta do nosso tempo e dos nossos pensamentos não restando disposição para pensarmos sobre nós mesmos e refletir sobre como todos esses processos influenciam nossas vidas, ou seja, acabamos não cuidando de nós mesmos “Sócrates evoca, pois, o que sempre disse e está decidido a continuar dizendo a quem vier a encontrar e a interpelar: ocupai-vos com tantas coisas, com vossa fortuna, com vossa reputação, não vos ocupais com vós mesmos”. (FOUCAULT, 2010, p.7)

O cuidado de si é tomado então, como uma noção ética que possibilita pensar uma estética da existência. Esta noção de ética é uma tentativa de pensar a formação da subjetividade a partir do cuidado de si próprio entendido como preocupação por constituir a própria subjetividade. Tal cuidado de si só é possível por meio de práticas de virtude, as quais não só abre a possibilidade de um caminho singular capaz de conduzir a ação de um indivíduo, como também produz mudanças neste indivíduo, Foucault (1984, p. 198-199) afirma que:

As "artes da existência" devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se e modificar seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo.

Pensando na importância que teve em minha vida o cuidado de si no que tange a reflexão sobre minha formação e prática profissional (o que não se desvincula da minha vida pessoal)trato o cuidado de si como uma alternativa de se constituir um sujeito ético, moral e

livre na sua prática profissional. Pois como cita Gros “não se cuida de si para escapar do mundo, mas para agir como se deve”. (apud RAGO e VEIGA-NETO, 2008, p.132)

Abordemos então, onde surge esta noção de cuidado de si:

A partir da década de 80, Michel Foucault se dedicou a escrever a história da sexualidade, onde em seu terceiro volume: História da Sexualidade III – O cuidado de si (1985), trabalha, a partir da antiguidade greco-romana, dois importantes conceitos: as técnicas de si e a estética da existência, que apontam para a possibilidade de criação de um estilo próprio, visando a produção de si mesmo como o artesão da beleza de sua vida, fazendo desta uma obra de arte.

O autor também aborda este tema em um dos seus últimos cursos ministrados no Collège de France, em 1982, intitulado A Hermenêutica do Sujeito; o qual depois tornou-se um livro. Neste livro, Foucault toma como ponto de partida para o início do curso a noção de “cuidado de si mesmo”, tentando traduzir, “bem ou mal, uma noção grega bastante complexa e rica, muito freqüente também, e que perdurou longamente em toda a cultura grega: a de *epiméleia heartoû* [...]” (FOUCAULT, 2010, p. 4). Sendo este termo então considerado o cuidado de si mesmo, o fato de ocupar-se e preocupar-se consigo.

Entre várias questões abordadas no livro, uma importante de ser trazida que é trabalhada pelo autor é: Porque o cuidado de si e não o conhece-te a ti mesmo?

Com relação a esta questão, o autor traz que na maioria das vezes o cuidado de si parece um tanto marginal ao conhece-te a ti mesmo (*gnôthi seautón*).

Ora, quando surge este preceito délfico (*gnôthi seautón*), ele está, algumas vezes e de maneira muito significativa, acoplado, atrelado ao princípio do “cuidado de si” (*epiméleia heartoû*).[...] é bem mais como uma espécie de subordinação relativamente ao preceito do cuidado de si que se formula a regra do “conhece-te a ti mesmo”. O *gnôthi seautón* (“conhece-te a ti mesmo”) aparece, de maneira bastante clara e, mais uma vez, em alguns textos significativos, no quadro mais geral da *epiméleia heartoû* (cuidado de si mesmo), como uma das formas, uma das conseqüências, uma espécie de aplicação concreta, precisa e particular, da regra geral: é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidados contigo mesmo. (FOUCAULT, 2010, p.6)

Foucault (2010, p. 10) ressalta que esse princípio de ocupar-se consigo mesmo tornou-se, de modo geral, “o princípio de toda conduta racional, em toda forma de vida ativa que pretendesse, efetivamente, obedecer ao princípio da racionalidade moral.” A incitação a ocupar-se consigo mesmo alcançou, durante o longo brilho do pensamento helenístico e

romano, uma extensão tão grande que se tornou um verdadeiro fenômeno cultural de conjunto.

Sendo assim, com relação ao cuidado de si na antiguidade greco-romana, pode-se ressaltar que ela possibilitava aos indivíduos não apenas determinar a si mesmo as regras de sua conduta, mas também buscar modificar-se para alcançar a sua singularidade. A prática destas técnicas de cuidado de si resultava em uma reflexão sobre seus modos de vida e as escolhas de existência de cada um.

Temos, pois, com o tema do cuidado de si, uma formulação filosófica precoce, por assim dizer, que aparece claramente desde o século V a.C. e que até os séculos IV – V d.C. percorre toda filosofia grega, helenística e romana, assim como a espiritualidade cristã. Enfim, Foucault (2010, p. 12) ressalta:

[...] com a noção de *epiméleia heartoû*, temos todo um *corpus* definindo uma maneira de ser, uma atitude, formas de reflexão, práticas que consistem uma espécie de fenômeno extremamente importante, não somente na história das representações, nem somente na história das noções ou das teorias, mas na própria história da subjetividade ou, se quisermos, na história das práticas de subjetividade.

O que podemos ressaltar então, com relação a noção do cuidado de si, é que o mesmo consiste em uma atitude para consigo, para com os outros, para com o mundo. Seria certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro. “Cuidar de si implica que se converta o olhar [...] do exterior, dos outros, do mundo, etc. para “si mesmo”. O cuidado de si implica uma certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento.” (FOUCAULT, 2010, p. 11-12)

Outra questão que podemos refletir é: quem seria esse eu a quem se designa o cuidado de si? Essa é outra questão que aparece no Livro Hermenêutica do Sujeito, e que é respondido através dos diálogos de Platão. Para ele o eu é a alma, “é preciso ocupar-se com a alma” (FOUCAULT, 2010, p.50). É a alma unicamente como “sujeição da ação, a alma enquanto se serve [do] corpo, dos órgãos [do] corpo, de seus instrumentos, etc.” (FOUCAULT, 2010, p. 52).

[...] a expressão “ocupar-se consigo mesmo”, quer designar, na realidade, não certa relação instrumental da alma com todo o resto ou com o corpo, mas, principalmente, a posição, de certo modo singular, transcendente, do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos de que dispõe, como também aos outros com os quais se relaciona, ao seu próprio corpo e, enfim, a ele mesmo. [...] ocupar-se consigo mesmo será ocupar-se consigo enquanto se é “sujeito de”, em certas situações, tais como sujeito de ação instrumental, sujeito de relações com o outro, sujeito de comportamentos e de atitudes em geral, sujeito também das relações consigo mesmo. (FOUCAULT, 2010, p. 53)

Foucault considera os Séculos I – II da nossa era como sendo a era de ouro da história do cuidado de si. “Agora o ocupar-se consigo mesmo tornou-se um princípio geral e incondicional, um imperativo que se impõe a todos, durante todo o tempo e sem condições de *status*.” (FOUCAULT, 2010, p. 76)

[...] “*epimeleîsthai heautôu*” (ocupar-se consigo mesmo, preocupar-se consigo, cuidar de si) tem um sentido no qual é preciso insistir: *epimeleîsthai* não designa meramente uma atitude de espírito, mas refere-se a uma forma de atividade, atividade vigilante, aplicada, regrada, etc. designa assim, um conjunto de práticas, tem o sentido de exercício, etc. (FOUCAULT, 2010, p. 77-78)

O cuidado de si é considerado então, uma obrigação permanente que deve durar a vida toda, não tendo uma idade ou tempo determinado para ela iniciar na vida da pessoa, não sendo considerado nunca muito cedo nem muito tarde para ter cuidados consigo mesmo, com a própria alma. Este preceito tornar-se-ia uma possibilidade para todos, onde implica uma escolha de modo de vida. (2010, p. 102)

Não havendo mais diferença de *status*, pode-se dizer que todos os indivíduos, em geral, são “capazes”: capazes de ter a prática de si próprios, capazes de exercer essa prática. Não há desqualificação *a priori* de determinado indivíduo por motivo de nascimento ou de *status*. Por outro lado porém, se todos, em princípio, são capazes de aceder a prática de si, também é fato que, no geral, poucos são efetivamente capazes de ocupar-se consigo. Falta de coragem, falta de força, falta de resistência – incapazes de aperceber-se da importância desta tarefa, incapazes de executá-la: este, com efeito, é o destino da maioria. (FOUCAULT, 2010, p. 107)

No período entre os séculos IV e V da nossa era passa a imperar uma ascética cristã. Foucault salienta que a noção de ascese está determinada pela herança cristã. Ele assinala três diferenças conceituais entre a ascese filosófica, a helenística e a romana, e a ascese cristã: 1) não está orientada à renúncia a si mesmo, mas à constituição de si mesmo; 2) não está

regulada pelos sacrifícios, mas pelo dotar-se de algo que se tem; 3) não busca ligar o indivíduo à lei, mas o indivíduo à verdade. (CASTRO, 2009, p.45)

A constituição da moralidade cristã baseia-se na renúncia a si como forma de salvação. O indivíduo deixou o seu corpo para a medicina e a sua alma para a religião. Nesse momento histórico surgiram as instituições de seqüestro, e para Foucault (2004), foi na ruptura da pastoral cristã que o poder passou a ser mais repressivo que afirmativo. Assim, o indivíduo moderno constituído pela norma e pela disciplina, não tem no seu processo de constituição uma relação consigo mesmo, pois as regras impedem que tal relação ocorra. O indivíduo moderno é sujeito de uma identidade que entende como própria, mas que é o resultado dos mecanismos do poder normalizador.

Existem várias diferenças entre o cuidado de si do período grego clássico e do período helenístico, com relação ao cuidado de si considerado no cristianismo, pois esse não visava à emancipação da pessoa no decorrer do seu amadurecimento. Ao contrário, a prática cristã foi muito distinta das duas anteriores e para demonstrá-lo Foucault (2004, p. 185-186) assinala três pontos: 1) o exame de consciência “não é exatamente voluntário” no cristianismo; 2) a direção de consciência “é absolutamente permanente”, e não apenas para circunstâncias ocasionais; e 3) o exame de consciência não tem como fim o domínio de si, mas apenas uma relação de “dependência” completa. Este é o principal diagnóstico de Foucault: o uso das técnicas de si no cristianismo visa uma relação de obediência como fim em si mesma.

Para Foucault, o cristianismo não é uma religião da lei, mas uma religião da renúncia da vontade. “O exame de consciência é feito, então, para marcar, ancorar ainda mais a relação de dependência com o outro” (FOUCAULT, 2004, p. 186). Ele afirma ainda, que o cristianismo, ao introduzir a salvação como salvação além desta vida, vai “desequilibrar ou [...] transtornar toda essa temática do cuidado de si”, pois a condição para a própria salvação será a renúncia de si (FOUCAULT, 2010, p. 1034-1035). Sendo assim, o cuidado de si, sob a ótica do cristianismo, volta-se unicamente para o cuidado do outro, perdendo-se a autonomia do sujeito.

Uma das questões polêmicas com relação ao cuidado de si, é que devido a sua relação com o auto cuidado, com o voltar-se para si, isso remete a algo negativo, egoísta, como se o cuidado de si fosse algo extremamente individualista que remetesse a negação do outro em detrimento de si mesmo. Porém isso não é apropriado, o cuidado de si não significa negar ou ignorar o outro. Ao contrário, o cuidado de si vai possibilitar que ao nos conhecermos melhor

saibamos como nos relacionar e tratar o outro sem estarmos sempre tentando negligenciá-lo, mas sim respeitando o outro na sua forma de ser.

Quem cuida de modo adequado de si mesmo, encontra-se em condições de relacionar-se, de conduzir-se adequadamente na relação com os demais. (FOUCAULT, 2010) Desta forma o cuidado de si desempenha um papel importante no contato com o outro, para que saibamos como nos relacionar de maneira adequada com esse outro.

O outro também nos constitui. Isso ocorre nas relações que mantemos com o mesmo (relações de poder, de governamentalidade, de saber), como também somos constituídos pelo olhar que o outro emprega sobre nós. Sendo assim, a relação com o outro é imprescindível para a nossa constituição enquanto sujeito.

Pensando então na esfera profissional do Educador Especial, podemos salientar que a relação com o outro é elemento importante nesta prática, ela nunca é isolada, nela sempre haverá uma relação com algum outro que será peça importante nesta interação, trazendo assim a relevância de pensar sobre esse outro e de como nos relacionamos com ele.

Podemos trazer esse outro como o outro deficiente, objeto de estudo e trabalho do Educador Especial, sempre presente nos discursos referente a essa área de atuação. Já tratei um pouco sobre este sujeito deficiente, sujeito a ser corrigido e normalizado. Geralmente é essa a relação que a Educação mantém com este sujeito, mesmo não notando. Castro (2009, p.33) traz que o anormal é considerado como o indivíduo a corrigir, marcado na “prática médica, na prática judicial, no saber e nas instituições que o rodeiam.”

Mesmo com todas as discussões que hoje se instituem com relação à inclusão das pessoas com deficiência, a maioria das ações referentes a essas pessoas ainda são em prol da sua normalização. Na escola ele deve ficar sentado em fila, em silêncio e produzindo textos, contas, como todos que devem estar neste padrão; com a família na maioria das vezes isso também acontece, não pode demonstrar comportamentos diferenciados para não chamar a atenção na rua, por exemplo; situações que se repetem na sociedade que espera que esse indivíduo diferente haja normalmente como qualquer outro. São relações de normalização que muitas vezes são até conduzidas a partir da medicamentação deste sujeito, para que ele não seja tão agitado, tão impulsivo.

Nessas relações que o Educador mantém, dentro da esfera da sua atuação, posso citar algumas das mais frequentes, como a relação com o outro família, com o outro sociedade, com o outro médico, entre outros.

Esse outro família da pessoa com deficiência sempre faz parte da relação do Educador Especial, geralmente eles vêem no sujeito Educador Especial uma possível “salvação” do sujeito deficiente. Por mais que a família tenha toda uma relação afetiva com a pessoa com deficiência, na maioria das vezes, seu desejo é que ele seja o mais normal possível e nesse momento entra então o papel do Educador Especial, do psicólogo, do neurologista, entre outros, agindo para tentar fazer com que este sujeito deficiente se comporte de maneira mais adequada possível “[...] referir as condutas do indivíduo a um conjunto comparativo, em diferenciar os indivíduos, medir capacidades, impor uma “medida”, traçar a fronteira entre o normal e o anormal. [...] a norma, por sua vez, pretende homogeneizar”. (CASTRO, 2009, p. 112)

E é essa relação com a norma que nos deparamos em todas as nossas interações. A medicina entra com papel importante sendo um outro da relação do Educador Especial, da pessoa deficiente e da família, sendo ele mais um dos profissionais envolvidos na tentativa de normalizar esse outro deficiente.

O exercício moderno do poder é, para Foucault, fundamentalmente da ordem da normalização dos indivíduos e das populações. Na formação dessa modalidade de exercício do poder, a medicina desempenhou e desempenha papel fundamental. (CASTRO, 2009, p.299)

[...] pode-se afirmar que os médicos do século XX estão a inventar uma sociedade da norma e não da lei. Não são os códigos que regem a sociedade, mas a distinção permanente entre o normal e o patológico, a tarefa perpétua de restituir o sistema de normalidade. (FOUCAULT, apud CASTRO, 2009, p.299)

Uma das relações importantes do Educador Especial é o outro escola, que se articula como o maior meio de atuação deste profissional, onde temos que trabalhar com o diferente, com os demais professores, com as famílias. Sendo considerado por Foucault como um dos locais de seqüestro, de adestramento do sujeito.

A educação se esforça por ser, de direito, o instrumento graças ao qual, em uma sociedade como a nossa, qualquer indivíduo pode ter acesso a qualquer tipo de discurso; sabe-se que ela em sua distribuição contínua, no que ela permite e no que ela impede, as linhas que estão marcadas pelas distâncias, as oposições e as lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles comportam. (FOUCAULT apud CASTRO, 2009, p.134)

Então a escola é considerada como local de possibilidade de acesso e permanência como direito a uma educação de qualidade, onde todos têm as mesmas oportunidades e possibilidades de aprender. Porém, nesse panorama, são dispostos conhecimentos a todos, mas geralmente de uma única maneira, beneficia-se quem consegue interpretar aquela única forma de ensino, os demais são considerados como anormais. Desta forma, o normal se estabelece como princípio de coerção no ensino com a instauração de uma educação estandarizada e o estabelecimento das escolas normais. (FOUCAULT apud CASTRO, 2009, p.134)

Foucault ressalta que a disciplina reina na escola, no exército, na fábrica. Trata-se de técnicas de dominação de extrema racionalidade. A fábrica, a escola, a prisão ou os hospitais têm por objetivo vincular os indivíduos ao processo de produção; trata-se de garantir a produção em função de uma norma determinada. (apud CASTRO, 2009, p. 149) Ele ainda salienta que, a partir do Século XVII: “A escola se converteu em um meio de adestramento físico. Cada vez mais exige-se que os alunos se ponham em fila, alinhem-se diante de um professor, que o inspetor possa vê-los a cada instante, etc.; de igual modo no exército”. (apud CASTRO, 2009, p. 149)

Desta forma, sob esses moldes, o aluno deficiente pouco se encaixa nesta escola e assim, os mecanismos de normalização agem cada vez mais na tentativa de fazer com que este sujeito desviante torne-se cada vez mais parecido com os demais considerados normais. Nesta trama, o Educador Especial age com este outro escola no intuito de possibilitar a este outro deficiente uma aprendizagem diferenciada através da qual suas peculiaridades sejam consideradas.

Todos esses outros de que tratei até agora fazem parte de um outro maior com o qual todos se relacionam e todos estão imersos, que é o outro sociedade. Sociedade que espera sempre que sejamos corpos produtivos, disciplinados, imersos em redes de poder e saber “A sociedade de normalização, a sociedade moderna, é uma sociedade no qual se cruzam, em

uma articulação ortogonal, a norma da disciplina dos indivíduos e a norma da regulação da população, a disciplina e o biopoder”. (CASTRO, 2009, p. 113-114)

Nesta sociedade em que todos esses outros se cruzam, que tempo temos para cuidar um dos outros e de nós mesmos? Vivemos imersos em relações de cobrança de produtividade, de um capitalismo desenfreado, de exigência de resultados; nesta trama conseguimos parar para pensar em nós e neste outro?

Não estou aqui para classificar quem é o outro bom ou o outro ruim, e sim para problematizar algumas dessas relações que permeiam o meu cotidiano e acredito que de muitos outros. Não que tenha a pretensão de modificar todos esses mecanismos, mas sim de tencionar algumas reflexões que poderão me possibilitar ver estes outros de formas diferenciadas.

Considerações finais

Finalmente então, podemos organizar, com relação ao cuidado de si, três grandes momentos que historicamente se sucederam uns aos outros. Foucault (2010, p. 231) apresenta essa divisão como sendo a seguinte:

O modelo que eu chamaria “platônico”, gravitando em torno da reminiscência. O modelo “helenístico”, que gira em torno da autofinalização da relação a si. E o modelo “cristão”, que gira em torno da exegese de si e da renúncia de si. Os três se sucederam. Por razões históricas que busquei delinear, o primeiro e o terceiro recobriram, aos nossos olhos de modernos, o modelo do meio. Mas o modelo do meio, o helenístico, centrado em torno da autofinalização da relação a si, da conversão a si, foi contudo o lugar de formação de uma moral que o cristianismo recebeu, herdou, repatriou e elaborou para dela fazer alguma coisa que hoje equivocadamente chamamos de “moral cristã” e que ele, ao mesmo tempo, ligou precisamente à exegese de si. A moral austera do modelo helenístico foi retomada e trabalhada pelas técnicas de si definidas pela exegese e pela renúncia a si próprias do modelo cristão. Temos aí, se quisermos, um pouco da perspectiva histórica geral em que gostaria de situar essas questões.

Dessa forma, posso verificar a importância histórica do cuidado de si, sendo apresentado com mais ou menos ênfase em cada período histórico. Ressalto que hoje, na minha percepção, o cuidado de si está oculto em algumas práticas e discursos existentes, como a importância dada a autoajuda, ao conhecimento de si através da frequência de atendimentos psicológicos, da relação consigo através de grupos de convivência, entre outros. Saliento que essas práticas remetem a um cuidado de si, porém, são muitas vezes pouco

valorizadas em um mundo em que a agilidade de resultados, o aumento da produtividade, responsabilidades com o mercado, com o trabalho, com a família, entre outros, fazem com que cada vez menos pensemos em nós mesmos e reflitamos sobre nossa vida.

Sendo assim, com essa breve explanação sobre o cuidado de si, espero ter remetido a uma reflexão a cerca da sua importância na vida de todas as pessoas e como uma possibilidade a ser retomada por todos.

Nesta tessitura de reflexões e de problematizações, posso salientar a possibilidade de poder pensar através disso uma atuação profissional baseada na ética na área pedagógica, levando em conta a relação do Educador Especial consigo mesmo através do cuidado de si, pautando-se em valores de respeito ao outro; podendo assim exercer nossa profissão de forma mais articulada e ética. Desta forma,

O cuidado de si constitui-se em parar, dirigir o nosso olhar para a nossa vida, permitir-nos realizar um exame de consciência sobre o vivido, não para julgá-lo, nem para culpar-nos, mas para perguntar-nos sobre as intenções propostas e não alcançadas, sobre como vimos administrando nossa existência, a nós mesmos, como um bem a ser preservado (FOUCAULT, 2010)

Analisando a nossa própria vida, podemos iniciar um processo de respeito à vida do outro, considerando que o mesmo tem uma constituição cultural e histórica diferente da nossa e que influenciou diretamente na sua constituição enquanto sujeito, sendo que devemos objetivar conhecer esse outro de maneira a respeitarmos suas especificidades e interagir de maneira ética e responsável sob ele. Daí a importância de refletirmos que este sujeito é único e tem na sua constituição relações que determinam suas condutas e valores, sendo assim, devemos nos questionar sobre as formas de articular nossa atuação frente este outro que sabemos ser tão diferente de nós.

O outro, sujeito deficiente com o qual a Educação Especial atua, é considerado como o sujeito da falta como já citei, neste intuito, devemos pensar em uma relação com esse outro pautada em uma relação ética, de respeito mútuo.

Podemos considerar que, à medida que exercitarmos, em nós mesmos, a liberdade de pensarmos como exercemos nosso fazer profissional, na tentativa de entender por que temos assumido um modo de ser; passamos a não refutar o que somos ou a realidade em que estamos imersos, mas encontrar alguns caminhos que favoreçam o exercício de práticas de

cuidado pessoal, de transformação de nós mesmos, para então conseguirmos compreender esses outros.

REFERENCIAS

CASTRO, Edgardo Manuel. **Vocabulário de Foucault**: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito** (Resumo dos Cursos do Collège de France/1970-1982). Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **A ética do cuidado de si como prática de liberdade**. In.: Ditos & Escritos V – Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2004.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **Microfísica do Poder**. 22ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: editora Autêntica, 2000.

RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (orgs) **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.